

## NA TOCA DO CORPO-CURRÍCULO NO ENSINO DE CIÊNCIAS

**Natalia Francisca Pereira Franco**  
Universidade do Estado do Amazonas  
nfpf.mca24@uea.edu.br

**Mônica de Oliveira Costa**  
Universidade do Estado do Amazonas  
mdcosta@uea.edu.br

**Caroline Barroncas de Oliveira**  
Universidade do Estado do Amazonas  
cboliveira@uea.edu.br

**Mônica da Silva Aikawa**  
Universidade do Estado do Amazonas  
maikawa@uea.edu.br

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo problematizar a ideia de corpo-curriculo no Ensino de Ciências na formação inicial de professores. O texto discute a experimentação da disciplina de Ciências da Natureza na Educação Infantil e anos iniciais no curso de Pedagogia no qual o convite era para olhar a ciência de outros modos. Em vias teórico-metodológicas, o estudo se apoia na perspectiva da Filosofia da Diferença, partimos de estudos bibliográficos sobre os conceitos de corpo e currículo. Em seguida, discutimos alguns exercícios (des)formativos docentes, nos quais se apresentaram uma possibilidade de olhar o corpo-curriculo em conexão com o devir.

**Palavras-chave:** corpo; currículo; ensino de ciências.

**Eixo temático:** 3. Formação Docente em Ciências e Biologia

**Modalidade:** Relato de experiência.

### INTRODUÇÃO

A presente escrita tem como objetivo geral problematizar a ideia de corpo-curriculo no Ensino de Ciências na formação inicial de professores. Utilizando-se de Alice no País das Maravilhas, que cai no desconhecido das lógicas absurdas, assim também caímos na toca

do Ensino de Ciências através de uma disciplina durante a formação inicial. Nessa toca, nos perguntamos “E de que serve um livro [...]sem desenhos ou diálogos?” (Carroll, p. 10, 2019). De que serve um Ensino de Ciências sem a vida?

A ciência tem sido fabricada por um discurso cartesiano, seu ensino tem limitado-se comumente em livros didáticos, laboratórios, verdades totais sobre corpos, gentes, vidas.

O currículo e o corpo como o conhecemos também são vítimas dessa herança, sendo que currículo de ciências é dito como esse amontoado de conteúdos a serem assimilados e a existência de um corpo, supostamente só é possível na forma humana.

Aceitamos o convite de sair dessas tocas e habitar outras, mais fluidas, abertas, múltiplas. Onde o corpo-curriculo de Ciências seja aproximado do devir, da alegria.

### **NA TOCA DO CORPO-CURRÍCULO DO ENSINO DE CIÊNCIAS**

Em sua aclamada obra “Alice no País das Maravilhas”, o escritor inglês Lewis Carroll (1885) apresenta as aventuras de Alice, pelo até então desconhecido por ela, o mundo das maravilhas. Logo no início da história, a protagonista é levada para esse universo misterioso, quando passa a seguir um coelho e cai dentro de sua toca, no qual, logo mais à frente, esse buraco se transforma em palco de intensas aventuras. A menina depara-se com cenários fantásticos e criaturas antropomórficas, já não sabendo separar o que é real ou imaginação.

Mas por que Alice e sua toca do Coelho, são os cenários usados por mim para iniciar esse texto que se pretende pensar sobre currículo, corpo e Ensino de Ciências? um corpo-curriculo para o ensino de ciências?

Os buracos correm o risco de estarem cheios, como a toca do coelho que a protagonista se meteu, mas que inicialmente estava vazio, logo mais tornando-se um local profundo, transformando a queda em algo lento e cheio de surpresas no final. Quando retomo ideias “entocadas” em mim sobre o que seria ensino de ciências, percebo que estive por muito tempo dentro de uma toca estreita, apertada, sufocada e cheia de dogmas.

Essa toca sufocante pode ser considerada o currículo normativo que rege o ensino de ciências? Quanto de nós não nos sentimos sufocados ao decorrer de nossa vida escolar? Diferente de Alice, muitas vezes não tivemos oportunidade de nos adaptar, seja ficando pequeno ou grande demais, para se locomover e explorar um mundo até então, incógnito. Não é por acaso, que muitas vezes o currículo é algo associado a uma prisão, “grade curricular”. O currículo muitas vezes tende a aprisionar as diferenças e a multiplicidade, isso se torna mais abrangente principalmente no que diz respeito ao Ensino de Ciências, pode-se dizer que é devido à uma tradição moderna formatada em uma lógica binária de se olhar para a ciência e seus componentes curriculares (biologia, química, física), estas disciplinas em sua historicidade são consideradas campos muito específicos, passando então a existir a cultura do especialista, ele é a figura máxima inquestionável na árvore do conhecimento, posta por essa tradição (Ferraro, 2022).

Na tradição filosófica partindo de Platão e Sócrates da dicotomia corpo e mente, em que o corpo é colocado como inferior em detrimento da mente, já que por ela seria alcançado o “verdadeiro” e total conhecimento, visto que o corpo seria algo enganoso. Nesse sentido, essa herança grega ainda é fortemente presente no pensamento ocidental, incessantemente busca-se por uma suposta totalidade do conhecimento e ignora-se a vida, os diferentes corpos, que não se limita a apenas um corpo biológico. Então o que pensar de um corpo-curículo do Ensino de Ciências? O que o pensamento hegemônico tem dito sobre esse corpo? Ele tem tentado medicalizar esse corpo? Delimitá-lo na toca dos livros didáticos e laboratórios?

Friedrich Nietzsche, um dos grandes denunciadores daqueles que desprezam o corpo, o coloca como um dos temas centrais de sua filosofia. Assim que inicia seu Zarathustra (2011), o filósofo já mostra a quem vai se opor ao declarar a saída de sua caverna, uma possível referência a alegoria da Caverna de Platão, em que o grego exemplifica a busca pelo conhecimento real que ele acredita estar no “mundo das ideias”, logo, Nietzsche pretende opor-se aos “moribundos que desprezaram corpo e terra e inventaram as coisas celestiais” (Nietzsche, 2011, p.30).

Sendo assim, o corpo carrega cicatrizes das castrações proferidas pela religião, sacerdotes ou mesmo cientistas, já que a morte de Deus foi anunciada “Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre os assassinos!” (Nietzsche, 2000, p.141). Com a morte de Deus, parece tornar-se necessário substituí-lo, ter algo para acreditar e um guia, portanto, a razão e a crença em uma verdade eterna permanecem, a ciência agora dita as regras.

Entretanto, mesmo as crenças mudando de rumo, o desprezo pelo corpo ainda predomina nas nossas sociedades, dessa forma, ainda se faz necessário o “adoecimento” do corpo. Portanto, o corpo-currículo precisa estar acometido pelas enfermidades da alma, em nosso entendimento é de que “o currículo é uma forma de governar vidas ditando corpos, verdades e condutas” (Martins e Silva, 2021, p.245). O currículo preza por um corpo anêmico e febril, tenta inibir sua vontade de experimentar, o metendo apenas em uma única toca sufocante, fazendo-o desejar a própria doença:

Uma vez a alma olhava com desprezo para o corpo e esse desdém era o que havia de maior: - ela o queria magro, horrível, faminto. Assim pensava ela escapar ao corpo e à terra. Oh, essa alma mesma era ainda magra, horrível e faminta: e a crueldade era a volúpia dessa alma. (Nietzsche, 2011, p.12)

Apesar disso, nós alugamos de um currículo que busca a *grande santidade* (Nietzsche, 2000). Entendemos o currículo como um território, que sim, pode fixar corpos, provocar disciplinas, mas justamente por ser atravessado por múltiplas gentes, é algo vivo, um território-rio, possui seu escoamento, sua vazante, já que “mesmo com os investimentos para controlar a diferença no currículo, tudo aí ainda vaza, por que não pensar o currículo por meio de suas bifurcações?” (PARAÍSO, 2010, p.588).

Partindo dessa perspectiva, nos apoiamos na ideia de que mesmo que tentem fixar o currículo, ele se desloca, acreditamos também que não há como uma luta contra aqueles que o adoecem acontecer de forma abrupta, por isso que pensamos um currículo menor (Silva e Leda, 2019, p.1656), que se move pelas brechas, cavando várias passagens pela toca:

Um currículo é, por natureza, rizomático, ele é território de proliferação de sentidos e multiplicação de significados. Mesmo diante de todos os poderes que atuam no controle, demarcam as áreas e também opinam sobre como evitar a desorganização em um currículo e que demandam sua formatação, tudo vaza, escapa, escorre. (PARAÍSO, 2010, p.588)

## NAS ESCAVAÇÕES DA TOCATÚNEL TEÓRICO-METODOLÓGICA

“Mas quando se transformar numa crisálida – o que vai acontecer um dia, sabe – e depois disso numa borboleta, acho que vai se sentir um pouco esquisita, não acha?” “Nem um pouco”, disse a Lagarta. “Bem, talvez seus sentimentos sejam diferentes”, disse Alice. “O que sei é que eu iria me sentir esquisita.” (Carroll, 2019, p.41)

Em sentidos teórico-metodológicos, o trabalho é de natureza qualitativa. Ele se configura como um relato de experiência sobre as experimentações da disciplina Ciências da Natureza na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino<sup>1</sup>, que possui carga horária de 60h e acontece no sétimo semestre do curso. Nessa disciplina, a ideia é constituir possibilidades formativas para o professor que ensina ciências, adentrando especificamente nos conteúdos ditos da área.

Sendo assim, constituímos olhares, é aberta a possibilidade de sair da (encontrar no fundo da) toca das representações e cair na (a) toca do devir. Uma queda que faz os corpos se deslocarem para aquilo que é visto como natural, de uma forma a desnaturalizar essas difusões de um olhar dito moderno para as pesquisas em educação e o currículo do Ensino de Ciências, pretendendo cair no abismo para a diferença, sentires, gentes, corpos, um movimento que abre o caminho para a mudança, diferente de Alice, que demonstra estar com medo das transformações e em uma zona cômoda como na filosofia tradicional que “entendemos a filosofia como uma representação e esta mesma representação não nos oferece possibilidades senão comodidade” (Grisotto, 2022, p.249).

A personagem parece estar em busca da sua identidade, pois questiona em diversos momentos quem ela é e isso a causa agonia, Alice quer representar o que é, o seu eu, já

---

<sup>1</sup> Ementa: Conteúdos básicos para o ensino de Ciências naturais na Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental. O ambiente e os seres vivos. A água. O ar. O solo. O ciclo vital de animais e plantas: classificação, características, tipos de alimentação e habitat. O equilíbrio ecológico. O corpo humano: estudo anatômico das partes do corpo humano. Os alimentos: tipos e origens; seleção, armazenamento, preparo e consumo. Saúde e higiene ambiental: coleta e reciclagem do lixo; saneamento básico. Recursos Técnicos e Tecnológicos. Eletricidade: obtenção e distribuição.

Lagarta, sua conselheira, não tem medo da diferença, assim como nas Filosofias da Diferença:

Em consonância com esta perspectiva, o que se deseja é que a aprendizagem do pensamento filosófico se sirva menos do exercício de verdades comuns a todos e passe a investir muito mais na multiplicidade das abordagens e nas criações, de modo que propostas inusitadas insurjam e liberem as forças do pensamento. (Grisotto, 2012, p.183)

Para tanto, discutimos na seção seguinte experimentações (des) formativas vividas nessa disciplina e como ela abriu possibilidades do corpo-currículo de Ciências e professores em formação inicial caber muita vida, alegria e desejos.

### **O QUE CABE NO CORPO-CURRÍCULO NO ENSINO DE CIÊNCIAS**

O corpo-currículo do Ensino de Ciências tem sido delineado pelos estratos científicos e pedagógicos (Ferraro, 2022), há uma tentativa de superestratificação desses estratos, desconsiderando seus fluxos constantes. As relações de poder-saber invadem esse corpo, penetrando seus poros, fazendo com que suas diferenças mantenham-se enclausuradas em uma toca asfíxiante. Como deixar esse corpo respirar brandamente? O que cabe e habita esse corpo? Cavando, criando caminhos na toca.

Atravessada pelo encontro com professoras desgraçadas (Chaves e Silva, 2019) durante a formação inicial no 7º período do curso de Pedagogia, na disciplina Ciências da Natureza nos Anos Iniciais e Educação Infantil, tive a oportunidade de cair em uma toca que possibilitou olhar a ciência e seu ensino por outros modos, estes antes nunca olhados/habitados.

Como Alice, senti que essa queda foi muito estranha, pois já era “muito mais agradável em casa (Carroll, 2019, p.33), mas era tarde, algo aconteceu e então passei a pensar que “é bem curioso, sabe, este tipo de vida!” (Ibidem, 2019, p.33). Já haviam muitas habitações em meu corpo, estáticas, arbóreas, moradias de um ensino de ciências dito tradicional.

A ideia de experimentação apenas dizia respeito a um laboratório com tubos de ensaio, béqueres, microscópios, não conseguia visualizar que meus olhos podem ser o microscópio, eles podem enxergar a potência de um ensino de ciências de outros modos,

uma possibilidade de experimentar a própria terra, de tear um filtro com os galhos do chão da própria universidade, escrever cartas, instalar o universo dentro da sala de aula. Como tudo isso era possível? Experimentando e inventando, e não menos importante, desejando.

O que é desejar? O que é o desejo? É uma carência? Que desejos se tem tido para o Ensino de Ciências? O que professores em formação inicial têm sido levados a desejar sobre esse ensino? E quais desejos possíveis podem caber dentro desse corpo? Será que nosso desejo tem sido limitado (fabricado)? Quando pensava no ciclo-morte-vida, acreditava que nascemos, crescemos e por fim, morremos. Mas, cadê a vida? Por que sinto que ela foi esquecida? Será que esse ciclo segue essa linearidade?

As ideias de morte e vida são as mesmas em todos os lugares para todas as pessoas? Por que sinto que a biologia chamada de ciência da vida tem tão pouca vida? Esses e diversos outros questionamentos surgiram ao longo desse encontro com professoras que ensinam ciências com várias esquisitices pedagógicas (Chaves, 2020), não existem fronteiras entre arte e ciências, fazem parte da margem de um mesmo rio.

A primeira esquisitice pedagógica foi o convite para fazer a escrita de uma carta, na universidade nunca nenhum professor tinha pedido para fazermos cartas até aquele momento, então aquela ideia já causou um estranhamento, e logo na disciplina de Ciências, não iríamos a laboratórios fazer observações? O que tudo aquilo queria dizer? E essa escrita foi difícil, era uma carta para olharmos nossa docência sob o olhar do desejo, para o nosso professorar-desejante, mas como desejar diferente se estivemos engaiolados e impedidos de voar por tanto tempo?

A outra esquisitice foi tear um filtro dos sonhos no estacionamento da Universidade e com o que tinha por ali, plantas, galhos etc, depois de discutirmos sobre como os modos de ver a ciência mudou ao longo dos anos, perguntava-me o que isso tinha a ver com ciências, onde estavam os conteúdos comuns que aprendemos e preenchemos nosso corpo? “Como as criaturas me dão ordens e me fazem repetir as lições!” (Carroll, 2019, p.93), nessa toca, algumas vezes os habitantes pediam para Alice recitar poemas e quando ela recitava percebia que estava errado mesmo que ela soubesse decorado, o ensino de

ciências dito tradicional muitas vezes é dessa forma, apenas nos preenchem porque estamos vazios, mas será que a aprendizagem acontece dessa forma? Ali aprendemos sobre a vida, nosso corpo foi habitado pelo sentir a docência, fomos (des)tecidos. Os filtros do sonho em sua origem servem para nós proteger de pesadelos, na cultura indígena, as teias servem como peneira para afastar energias negativas e purificar os sonhos ruins, deixando-os presos e os sonhos bons podem atravessar. Que tipo de sonhos eu queria filtrar? Como constituí e como iria construir meu filtro? Como será tecido? Eram alguns questionamentos lançados para pensar nosso professorar-desejante.

**Figura 1:** Um tear de desejos



**Fonte:** Acervo próprio.

As professoras disponibilizaram apenas linhas e penas para a construção do filtro. Ele foi construído em conjunto com outros professores em formação, no início ele parecia frágil, mas tecemos juntos até ficar forte. O ensino de ciências que desejo é como o filtro que construí, flexível, feito em conjunto, que filtram afetos, corpos, vidas, com penas que permitam a passagem de sonhos bons, de um ensino vivo.

Aprendemos sobre os discursos que tomamos como verdades e como alguns se prevalecem sobre o outro. Mas podemos jogá-los no abismo da toca, e esse abismo pode nos mostrar outras possibilidades, por que não criar um professorar diferente?

Esse que vibra para outros caminhos, que deseja um pouco de vida na biologia e assim fomos atravessados pela ideia de que “experimentar é algo que se faz com o corpo inteiro e o corpo se movimenta, dança, não está repartido em jurisdições.” (Chaves, 2020, p.99). Então nos instalamos no espaço, criamos o universo dentro da sala de aula, o nosso corpo-

universo. No meio da escuridão fomos levados para uma toca de realidade virtual atravessados pelos vários discursos projetados na parede da sala, tivemos também uma narrativa lunática, a lenda de como surgiu a lua, contada em cima dela. Entramos em uma toca de cápsula do tempo, em que escrevemos sobre nossos desejos.

**Figura 2:** Narrativa Lunática



**Fonte:** Acervo próprio.

Não queríamos apenas “ensinar que a vida é nascer-viver-morrer e que todos seguem esse ciclo, mas sim que podemos ter várias vidas dentro da mesma vida [...] permitir olhar [...] a disciplina de Ciências com um novo olhar [...] misturar a arte com a vida, transformando em uma obra de arte [...] Permitir aos alunos que vejam que somos mais que um corpo físico, de órgãos que podem ser retirados, transplantados, mas que também temos um “corpo espiritual”, somos cheios de história, vivências e experiências, e que transplantamos um pouco de nós em cada pessoa que conhecemos.” (trechos de carta da autora).

O corpo-currículo do Ensino de Ciências tem sido ensinado a ser amortecido, tiram-lhe os resquícios de vida, mas o corpo pulsa por uma alegria secreta que o habita, essa felicidade que é revolucionária.

As experimentações de um currículo orgânico e alegre provocam novamente o sabor das coisas nos professores em formação inicial. Um gosto de inventar ser um professor, de cair em tocas e aventurar-se na docência, já que a *tradição* curricular nos apresenta com a argumentação do bom e mau professor, além dos marcos legais asfixarem o corpo-

currículo. Quem é o bom professor que Ensina Ciências? Seriam apenas os que passam o conteúdos para alcançar resultados das provas externas? Que lugar fica para a vida e a autoformação docente?

Pensar sobre essas questões nos levam para a toca do inesperado, acreditar que podemos fazer um País das Maravilhas em uma sala de aula ou outro lugar que ocorra processos formativos, mesmo que quando “abrir os olhos para que tudo se transformasse na realidade monótona. “ (Carroll, 2019, 114). A experiência de narrar-se convoca para abalar a monotomia, dos dogmas e dualismos que prevalecem no Ensino Ciências.

Os professores em formação inicial ao se escreverem criam labirintos que mostram um Ensino de Ciências que não é desmembrado, pois não um determinado privilégio de apenas uma ciência de saber mais que outras, como a cultura da especialização pretende em um currículo, os fenômenos são conectados.

Estes processos (des)formativos mostraram a importância do corpo-currículo ser habitado pelo desejo e experimentação, que por mais que tentem apagar a vida de um currículo, ela resiste dentro desse corpo.

O processo de autoformação docente apresenta a possibilidade dos professores ouvirem a si mesmos para que depois ouçam os estudantes, que consigam se entusiasmar com o ensino e a vida, que buscam romper com uma tradição que busca dogmas e aprovações, tenham um olhar crítico para si mesmos e seus processos para que corram das heranças que sufocam o corpo-currículo do Ensino de Ciências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a toca do corpo-currículo já é habitada por muitas verdades, o que pode acabar fabricando um tipo de professor que ensina ciências apenas de um determinado modo. Apesar disso, rastejamos por outros caminhos dessa toca, e como Alice descobrimos coisas fantásticas. Percebemos que é possível experimentar uma outra forma de habitar a docência, ainda que existam forças querendo anestésiar esse corpo-currículo ele “produz sensações; faz as paixões murmurarem; e promove a guerra das alegrias contra as tristezas. ” (Paraíso, 2010, p.600). Nessas experimentações (des) formativas, fomos

atravessados pelo desejo de um corpo-curriculo vivo e alegre, que marcou nossa vida-formação e mostrou as possibilidades de seguir por outro caminho de olhar a ciência e seus ensinamentos.

## REFERÊNCIAS

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Ilustrações de John Tenniel. 1ª ed. São Paulo: Darkside, 2019.

CHAVES, S. N.; AMORIM, A. C. R.; GASTAL, M. L. A.; BASTOS, S. N. D. Vidas que ensinam o ensino da vida. **Um chão sem fronteiras: ciência e arte na sala de aula**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

FERRARO, J. L. Deleuze e Guattari para pensar a educação em ciências. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 145-174, maio/ago. 2022.

GRISOTTO, Américo. Filosofia da diferença: apontamentos em torno da aprendizagem do pensamento em filosofia. **ETD-Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 14, n. 1, p. 179-198, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1246>. Acesso em: maio. 2024

GRISOTTO, Américo. Imagem do pensamento: Deleuze e a filosofia da diferença. **Griot: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 244-254, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/griot/article/view/3022>. Acesso em: maio. 2024.

MARTINS, M. F.; SILVA, L. V. A. Por um Currículo-Fenda. **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama**, Eunápolis (BA), v. 12, n. 1, p. 243-250, jan./jun. 2021

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Alfredo Margarido. 6ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Paulo César de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PARÁISO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 587-604, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/MnrBfYmbrZ4zfVqD3C5qkYp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: mai. 2024.